

Prólogo:

Quarta-feira a noite em uma noite fria de Nova Iorque, acontece um dos maiores eventos beneficentes da alta classe da sociedade, em um museu que foi fechado exclusivamente para essas pessoas, com grandes vidraçarias o cercando, a luz amarela que os lustres de cristais proporciona deixa todo o local mais aconchegante, garçons que mais se parecem pinguins andando de lá para cá servindo pessoas que dizem querer o bem para o próximo, mas, que na verdade não pensou duas vezes em comprar um vestido que custa no mínimo oito meses de salário mínimo, e relógios que custa um carro popular.

Atlas estava em sua terceira taça de refrigerante sendo acompanhado pelo seu generoso e bondoso amigo, George.

"Olhe lá", George o cutucou "a roupa que a Kim está usando".

Atlas seguiu os olhos azuis acompanhado da jovem loira que está a descer os degraus com um sorriso no rosto, "o que tem?" Ele respondeu vendo o sorriso de George aumentar.

"Ele é de duas temporadas passada, certeza que está beirando a falência", George sorria, enquanto Atlas soltava um "ah" sem muita emoção.

"O que foi?" George diz com a sua taça de refrigerante a caminho de sua boca, "gosta dela?".

"Que? Não!"

"Sabe o que eu acho?" George considerou as sobrancelhas erguidas de Atlas como um resposta, e voltou a dizer "você não está doidão de refri, precisamos de pegar mais", George balançou a sua taça quase vazia puxando o melhor amigo para a mesa de comes e bebes, "ou melhor, você pode ir pegando os refrigerantes e eu vou usar o banheiro, pode ser?"

"Tá, pode ser", George sorriu entregando o seu cálice ao seu amigo indo em direção ao banheiro.

"Uh, vocês têm andado bem próximos, não é?" Aaron, irmão de Atlas, dizia com a sua voz carregada e enrolada com bafo de champanhe, era óbvio, que o mesmo já estava bêbado, "ele sabe que você gosta dele?"

"Eu não gosto dele, e você deveria dar uma pausa, já tá ficando bêbado", o adolescente entregou as taças a atendente que tinha ali com um sorriso, "em uma você pode colocar Pepsi e na outra Coca-Cola, por favor".

"Não tente se enganar, vai acabar ainda mais machucado" Aaron diz apoiando o corpo na mesa, "mais champanhe gracinha" ele diz balançando a sua taça vazia.

Após isso tudo pareceu acontecer tão depressa, mesmo que depois pessoas diziam já ter ouvido os outros carros parando ali na frente do museu, mas, no caso de Atlas ele só foi perceber o atentado quando os vidraças foram quebrados e a fumaça das bombas já se fazia presente.

Quando toda a confusão já estava armada, quando Atlas já não avistava seu irmão e todos corriam, ele tentou encontrar George, mas, foi derrubada pela confusão, já não eram mais bombas de fumaça os estouros começou a se fazer presente em meio a toda a gritaria, a luz que trazia aconchego e acolhimento caiu e deixou tudo escuro.

Atlas não sabia se aquele zumbido que atormentava sua mente tinha sido causado pelas bombas ou pelos vidros quebrados, talvez seja pelas pessoas que passavam e trocavam em seu corpo, ali estirado no chão.

"Atlas" ele ouvia alguém o chamando, mas, de alguma forma parecia tão distante, só percebeu que era George quando o mesmo o ajudou a se levantar, colocando o seu braço por cima de seu ombro e o guiá-lo para fora de toda aquela confusão.

Já havia ambulâncias e viaturas quando os dois saiu do museu, George tentava questionar Atlas do que aconteceu no pouco tempo que ele estava no banheiro, mas, a verdade é que Atlas naquela altura já não ouvia nada.

Ele passou por tratamentos psicológicos para vítimas de traumas, mas, nenhum trouxe a sua audição de volta.

Capítulo um:

Já com o corpo para fora do bar, Joseph passa os dedos nos interruptores desligando as luzes puxando a porta de aço para baixo a trancando, o loiro acende um cigarro deixando o estabelecimento.

Com uma das mãos enfiadas no bolso, em sua tentativa de se aquecer do frio, e a outra segurando o cigarro, Joseph podia ter a certeza que escutou um grito do beco mais a frente, um grito agudo, falho e rouco, o primeiro instinto foi em ignorar, aquilo não era da sua conta, poderia acabar em encrenca, já estava sendo difícil ser aceito nas universidades não queria complicar o que já era complicado.

Jogou o seu cigarro no chão o pisando, com a cabeça baixa passou pelo beco, outro grito veio acompanhado de um "Ah a vadia sabe morder?" Isso fez uma sirene tocar na cabeça de Joseph, lembrou-se que foi criado por mulheres e como era difícil para cada uma delas sobreviver perante a uma sociedade machista, quantas vezes sua irmã não fora assediada no ônibus, e se fosse uma mulher ali?

Dando exatamente cinco passos para trás, Joseph entrou no beco, com uma respiração falha ele empurrou o primeiro homem que cercava quem quer que fosse que estava em apuros.

"Mas, que caralhos!" O homem urro chamando atenção dos outros.

Como Joseph iria lidar com seis caras? Isso ele também iria descobrir, mas, correr não seria a resposta agora.

Ele se abaixou diante ao que tentou acertar um soco nele, logo dando um chute na boca de seu estômago, enfim, a sua falta de altura poderá ser algo benéfico.

Assim que o outro se curvou com a dor, Joseph acertou um soco em seu nariz fazendo o cara cair de vez, sem tempo correu para o outro lado, tentando acertar o que foi empurrado, mas, parece que ele não era tão rápido como o mesmo pensava, já que, levou um chute na costela e foi de encontro ao chão com o impacto. Antes que o outro colocasse o pé em seu peito o imobilizando, ele rolou para o lado se colocando de pé novamente.

Joseph sabia que não podia contar com golpes alto e certo, afinal, ele só tinha 1,56 de altura e os outros parecia beirar ao dois metros, teria que usar as armas que tinha, pegando uma garrafa de vidro jogada ali naquele lugar imundo, ele correu saltando no alto acertando o outro em seu rosto, não poderia ficar e derrubar os quatro que faltava, isso era óbvio, talvez correr fosse, de fato, a resposta.

Indo até a pessoa jogada no chão, ofegante que observava tudo com um medo visível em seu rosto, Joseph agarrou no pulso do que, na verdade, não era uma garota, e sim, um garoto.

O puxando o colocando de pé, Joseph correu segurando a mão do mais alto, e não parou até sentir seus pulmões queimando, os seus pés tropeçarem um no outro pelo cansaço, sua garganta estar seca e ele ofegante.

"O q-que... caralhos" ele apoiou suas mãos em seu joelho e sua cabeça pendeu para baixo, "foi aquilo?" Ele disse com um pouco de voz que ainda tinha.

O garoto, igualmente ofegante, parecia cheio de tudo aquilo, apenas olhava para algum ponto.

Aquilo claramente deixou Joseph irritado, ele acabou de arriscar sua integridade física, e vai se saber, talvez até mesmo a sua vida, por uma pessoa que estava o ignorando.

"Ei! Estou falando com você!" Ele gritou estalando os dedos, mas, mais uma vez, recebeu o silêncio como resposta.

A adrenalina estava passando e o frio da madrugada já estava se instalando no corpo de Joseph, não ficaria instinto em saber o que aconteceu com alguém que claramente não queria contar.

Soltou um suspiro pesado voltando a caminhar, ia ter que dar uma volta enorme para voltar ao seu minúsculo apartamento, já na esquina, Joseph cometeu o erro de olhar para trás e vê aquele rapaz ainda perdido olhando para os lados.

Os seus olhos castanhos se encontraram com os verdes cintilantes do rapaz, as suas pupilas tremiam com o medo eminente, os lábios finos e rosados tremiam, podia ser de frio, mas, também poderia ser o pavor, o rapaz segurava a alça da sua bolsa carteiro como se sua vida dependesse daquilo.

Com passos lentos, Joseph ficou na frente do rapaz, soltou um suspiro olhando naquela imensidão verde "quer que eu te leve para casa?" O outro olhava fixamente os lábios de Joseph antes de dar um passo para trás recuando, "talvez, os caras que estavam te intimidando estejam por aí, não seria seguro você voltar sozinho", o menino ainda olhava para os lábios de Joseph enquanto acenava positivamente com a cabeça.

O silêncio foi o terceiro acompanhante durante o caminho que foi liderado pelo tapas de cabelos castanhos e olhos verdes, Joseph só voltou para o caminho de seu apartamento quando obteve a certeza que o outro já estava dentro do seu e com a porta trancada, ele acenou de volta lá embaixo enquanto sorria para o rapaz que estava na sacada de seu prédio.

Capítulo dois:

Joseph está abaixando as cadeiras e as posicionando de forma correta abaixo das mesas, enquanto já planeja como a pista de dança vai ser lavada, ele se sente tão perdido em seus pensamentos, mas, não o suficiente para escutar a porta da frente ser aberta e passos calmos e ligeiros se encaminhar até pararem poucos passos de sua costa.

"Estamos fechados" ele diz sem se virar, "volte mais tarde".

A pessoa não sei foi, Joseph conseguia sentir o olhar queimando em sua nuca, e, foi nesse instante que surgiu a hipótese em sua mente, de que, talvez não fosse um simples cliente, e sim, os caras que mexia com aquele outro rapaz na noite anterior, mas, tudo bem, pelo que parecia era apenas um, Joseph conseguia lidar com um e ainda ter tempo para limpar a pista de dança e o balcão.

O seu coração foi tomado por a sensação de alívio ao ver que, na verdade, quem estava à sua frente era o mesmo rapaz de ontem, com as sobrancelhas erguidas, "você me assustou" ele levou a mão até o seu peito esquerdo, sentindo os batimentos acelerados de seu coração.

Com o rosto tranquilo o rapaz deixou a sacola de papel que carregava em cima da mesa, erguendo sua mão próxima ao queixo ao queixo com seus cinco dedos expostos, ele a moveu duas vezes a frente, logo depois apontando para Joseph com o indicador e o movendo ele acena negativamente com a cabeça, voltando o seu dedo indicador para si e logo após novamente para Joseph que o olhava embasbacado, e voltando a mão para o seu peito esquerdo a fechando em um círculo.

Que porta foi essa? Joseph perguntou para si mesmo.

"Você é mudo?" Ele não se conteve em perguntar e tendo em resposta um mover de cabeça, indicando que não, o rapaz a sua frente não era mudo.

A resposta não pareceu suficiente para o rapaz que veio visitar Joseph em seu horário de trabalho, que logo tirou o celular do bolso digitando rapidamente e logo voltando o celular para o outro.

"Sou surdo".

"Ah" essa foi a única resposta que Joseph conseguiu formular no momento, "foi mal, eu não sei libras".

O rapaz balançou as mãos indicando que aquilo não tinha importância e voltou a digitar em seu aparelho.

"Eu vim agradecer por ontem, você foi muito gentil em me ajudar".

"Ah aquilo, não foi nada demais, qual é o seu nome?" Joseph também começou a digitar em seu celular mostrando ao outro.

"Atlas, e o seu?"

Era um belo nome, Joseph teve que assumir aquilo, "Joseph" ele estendeu a mão que o outro não demorou para agarrar e apertar, "um prazer te conhecer Atlas, é posso perguntar o que foi aquilo ontem?"

Atlas começava a mexer as mãos, mas, logo se recordou que aquela função tão útil para si, era completamente inútil para Joseph, então recorreu ao que a tecnologia lhe proporciona e voltou a digitar "meu irmão se meteu em umas encrencas e meus pais estão se negando em ajudar".

"E como isso envolve a você?", para Joseph aquilo parecia ser muito mais sério do que uma simples "encrenca".

"Eles não acharam o meu irmão e vinham cobrar de mim, sinto muito você ter se envolvido".

"Faria aquilo por qualquer um", essa resposta fez o coração de Atlas se apertar em seu peito "como soube que eu trabalhava aqui?"

"Eu andei perguntando para os vizinhos, é que eu queria lhe agradecer, por isso trouxe isso para você!!!", sim, Atlas tinha colocado três pontos de exclamações para demonstrar a sua empolgação, como se eu seu sorriso de orelha a orelha já não fizesse isso.

Joseph não poderia aceitar aquilo de maneira alguma, só aquele chocolate, custava um quarto do salário do rapaz, para ele, dinheiro não cresce em árvore, não, se pode comprar um chocolate caro só porque um estranho de salvou na noite anterior, e mais, Joseph não tinha ajudado Atlas por interesse, aquilo não era justo.

"Desculpa, mas, eu não posso aceitar!"

"Droga esse não é o seu sabor favorito de chocolate? Ou pior, você não gosta de chocolate?! Existe alguém que não gosta de chocolate?"

Aquelas mensagens de textos seguidas por um emoji pensativo fez Joseph rir, mas, rir de verdade, não aquela risada forçada que ele dava para clientes bêbados que insistiam em dar em cima dele, ou, para seus colegas de trabalho que ele apenas interagira por educação.

"Eu gosto de chocolate, mas, não posso aceitar isso, você viu o preço?"

"O que tem o preço? Merda, eu deixei o preço? Não se pode dar presentes com preço!" Após Atlas ter certeza que Joseph leu ele começou a vasculhar a embalagem do chocolate atrás do preço, e precisou que Joseph segurasse o seus ombros para que ele parasse, "não, mas, eu sei que isso é caro, e não posso aceitar", Joseph disse garantindo que Atlas lesse seus lábios.

"Cara, você salvou a minha vida ontem, um chocolate não é mais caro que uma vida, por favor, aceite!" Atlas voltou a estender a guloseima para o rapaz.

"Sério, não posso aceitar algo tão caro".

"É só você não pensar no preço".

Isso parecia algo tão irrelevante para Atlas que chegava a assustar Joseph, o que não era fácil de acontecer, sei que talvez você não acredite em mim, já que no início ele se assustou apenas com passou, mas, vai por mim, a única coisa que o assusta são baratas, de resto, o baixinho consegue lidar super bem.

"Você viu o preço disso?"

"Sim, eu precisei pagar" Atlas mostrou a tela de seu celular para Joseph, mas, logo virou para si digitando como se a sua vida dependesse daquilo "não que eu não pague as coisas que eu compro, se sempre pago, eu juro", menos de uma hora conversando, e Atlas já arrancou a segunda risada genuína de Joseph.

Capítulo três:

"Eu realmente não posso aceitar".

"Então se joga na frente de um caminhão e deixa que eu salvo você, assim vamos está kits".

"O que?! Não!" Joseph diz em meio aos risos que sincronizar perfeitamente com os de Atlas.

"Por favor, aceite, eu ainda tenho que ir para universidade, mesmo nosso papo estando muito interessante eu preciso ir, tipo, agora".

"Universidade? Ontem, você estava voltando da universidade?" Atlas concordou com um leve aceno de cabeça "e se aqueles caras estavam esperando novamente?"

"Não acho que isso vá acontecer, você deu uma surra neles".

"Por isso mesmo, talvez estejam ainda mais furiosos" Joseph entregou o seu celular não mão de Atlas "adiciona o meu número, quando estiver vindo você me manda uma mensagem e eu vou buscar você".

"Até posso concordar com isso, mas, você vai ter que aceitar o chocolate".

"Sabe que estamos falando da sua vida, não é?"

"Sim, MAS, eu não gosto de chocolate ao leite, prefiro o branco, seria um desperdício estragar algo 'tão caro'" enquanto Joseph lia, Atlas mordida o seu lábio inferior para segurar a sua risada.

"Você brincar com a sua segurança não é tão normal assim".

"Agora você tá parecendo a minha mãe, vai aceitar o chocolate?"

"Certo, mas você vai me mandar mensagem?" Ele recebeu um aceno de cabeça do outro o confirmando aquilo, Joseph revirou os olhos estendendo a mão para aceitar a sobremesa, "obrigado".

"Eu que tenho que agradecer, tchau Joseph!"

Sem ao menos esperar uma resposta, Atlas já estava deixando o estabelecimento "não esqueça de me mandar mensagem!" Joseph enviou para o número que tinha enviado um "oi" recebendo um polegar como resposta.

Joseph esperou para ter certeza que Atlas não voltaria para saborear aqueles chocolates, agradecendo por seu orgulho não ter ganhado a discussão.

Capítulo quatro:

Já passava da meia noite, Joseph estava sentado na escada da perfumaria que tem na frente do bar em que ele trabalha, com um cigarro nos lábios e o celular em mãos, esperando por uma mensagem de Atlas.

O que apesar de suas dúvidas, não demora tanto assim para chegar, apagando o cigarro com o seu pé, Joseph caminhou até o ponto de ônibus avistando o rapaz com quem conversou durante a tarde com um sorriso no rosto enquanto se aproximava.

Atlas acenou quando, enfim, estava ao lado de Joseph "e aí? Vamos" Joseph começa a andar, mas, logo é interrompido pelo braço do outro o impedindo de dar mais um passo, por ser muito perigoso pegar o celular aquela hora na rua, Atlas aponta para o ônibus que se aproxima e Joseph entende no mesmo instante.

Assim como as ruas, o ônibus estava vazio, e os dois se sentaram lado a lado em um dos bancos mais para os fundos.

"Não vai complicá-lo pegar esse ônibus?" Atlas mandou mensagem para Joseph.

"Não, ele passa na rua de cima da minha, sou vou precisar caminhar um pouco".

"Ah que bom, me sentiria culpado se eu te visse caminhar muito para chegar em casa após um dia de trabalho".

"Que nada, melhor isso do que aquela situação de ontem se repetir".

"Você sempre faz isso?"

"Faço o que?"

"Colocar a segurança e a vida dos outros acima da sua?"

"Ah não, reservo isso apenas para garotos que estão sofrendo agressão em um beco depois de voltar da faculdade".

"Ah que bom, que você tem um público alvo, assim facilita mais você bancar o herói".

Aquilo até podia soar ofensivo, mas, a áurea brincalhona de Atlas deixava tudo mais tranquilo, era como se todo o cansaço daquela noite tivesse sumido dos ombros de Joseph.

"Comprei para você" ele diz entregando um cookie para o outro "para agradecer pelo chocolate".

"Eu amo cookie, mas, não precisava" Atlas diz em meio às mensagens após pegar o cookie das mãos de Joseph.

"Bom, agora está feito, espero que goste".

"Só de ser doce, eu já gosto, não apenas gosto, eu amo!"

"Você parece uma criança, meu sobrinho iria te adorar".

"Meu Deus, você tem um sobrinho?! Preciso conhecê-lo" os dedos de Atlas voavam entre as teclas, digitando com uma felicidade, "desculpa, estou sendo muito intrometido?"

"Não, nada disso, quando ele estiver de férias, prometo levá-lo para conhecê-lo".

Os olhos verdes cintilantes de Atlas pareciam com pedras preciosas quando encontrou o castanho com um leve dourado de Joseph e ele não pode evitar de sorrir, logo voltando ao seu celular e digitando "Isso é sério mesmo?" E logo voltou a olhar para o rapaz ao seu lado que sorriu acenando positivamente com a cabeça.

Para a infelicidade dos dois, o ônibus não demorou a parar em frente ao apartamento de Atlas que antes de sair escreveu a seguinte mensagem para Joseph: "obrigado por ontem e por hoje, quando chegar em casa, me avise".

E foi exatamente isso que Joseph fez, quando ainda estava no elevador de seu condomínio enviou a mensagem para o rapaz que conhecerá a um dia atrás o avisando que havia chegado em segurança, enquanto o outro mandava uma foto para ele, sentado no chão encostado no que parecia um sofá, com um gato branco em seu colo e o cookie em sua boca.

Joseph abriu um sorriso para a foto e não demorou a responder "você tem um gato?! Preciso conhecê-lo!!!!!"